

Proletários de todos os Países, UNI-VOS!



Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO E ELEVAÇÃO DO NÍVEL POLÍTICO DOS MEMBROS DO PARTIDO

por ALBERTO

Do modo prático de estudar e assimilar os nossos mestres, as experiências dos partidos irmãos e os materiais do nosso Partido dependem em grande parte do futuro desenvolvimento e a defesa dos quadros do Partido.

Ao considerarmos o estudo sob o ponto de vista prático devemos ter em conta, em primeiro lugar, o estado do desenvolvimento actual das organizações e dos quadros do Partido, as dificuldades que os rodeiam, assim como os resultados das experiências até agora verificadas no capítulo do estudo. Em segundo lugar, devemos ter bem presente a quantidade e natureza das tarefas que lhes são confiadas, isto é, as tarefas pelas quais são responsáveis e que desejam cumprir bem. Em terceiro lugar ter presente que o estudo deve tornar-se para cada organização, para cada camarada um auxílio imediato, um meio de lhe abrir perspectivas, de lhe facilitar o cumprimento das suas tarefas e obrigações. O estudo deve ser uma garantia e um estímulo para êxitos diários, por pequenos que sejam, em cada sector de trabalho, desde as organizações, aos camaradas, às acções de massas que controla e dirige.

Partindo destes pontos, vejamos o que se impõe fazer. Estudar os livros, as obras dos nossos mestres em geral? Sim, isto é fundamental e indispensável para o desenvolvimento dos quadros e de todo o Partido. Estudar os materiais fundamentais do nosso Partido, onde estão consubstanciadas a orientação, experiências e ensinamentos preciosos? Sim, este estudo é fundamental e indispensável para impulsionar o nosso Partido, para apetrechar os seus quadros. Estudar os livros e demais materiais fundamentais dos partidos irmãos e referentes ao movimento operário internacional? Sim, devemos estudá-los porque são eles também parte integrante da teoria marxista-leninista. Mas, como estudar e aproveitar todos estes materiais, e alcançar os objectivos como os acima referidos? Aqui é que está o problema que não conseguimos ainda resolver de modo satisfatório.

O ESTUDO EM LIGAÇÃO COM AS NECESSIDADES DO TRABALHO DO PARTIDO

Parece-nos que para as organizações e os quadros do nosso Partido, a questão não está em pegar, dum modo geral, em quaisquer livros e materiais e lê-los de uma só vez, dum só fôlego, como se costuma dizer. O preferível será o seguinte: se uma organização ou qualquer camarada do Partido verificarem, por exemplo, que é preciso impulsionar a actividade de organização, de quadros, sindical, de unidade, células de empresa, movimento feminino, juventude ou a organização entre os camponeses, se concluímos, por exemplo, que há erros, deficiências, a emperrarem a actividade do Partido nestes ou em quaisquer outros aspectos da actividade do Partido, se precisamos de conhecer o que é a

revolução democrático-burguesa, o que é o governo provisório, quem são os aliados do proletariado na fase actual da Revolução, etc., etc., o que devemos fazer e ir aos nossos mestres e estudar o que eles dizem concretamente a respeito destas questões. perante estas necessidades não devemos pegar em qualquer livro ou material que menos nos ajude nestes casos concretos. Vejamos ainda outros aspectos. Se temos de andar mais em relação à Reforma Agrária e ao problema camponês em geral, se temos de aprender mais quanto à questão nacional e colonial em virtude da situação concreta que se vive nas colónias portuguesas e da luta dos povos oprimidos, impõe-se que estudemos e aprendamos o que a este respeito nos ensinam Marx, Engels, Lênine e Stáline, assim como os materiais editados pelos partidos irmãos e pelo nosso Partido e não estejamos a gastar o tempo que temos para estudar em outros materiais que não desempenharem um papel tão importante na solução destes problemas de ordem imediata.

perante a urgente necessidade de alargar e fortalecer a Unidade Nacional e liquidar o sectarismo ganhando mais e mais a confiança das massas trabalhadoras e a de todos os portugueses amantes da Liberdade e da Paz o que se impõe é estudar e assimilar a linha do Partido, estudar a experiência dos partidos irmãos referentes a este ponto, em vez de gastarmos o tempo no estudo de outras coisas que não resolvem neste sentido.

Se há que progredir, e temos que progredir mais e muito mais no estudo e discussão do comportamento frente ao inimigo, o que se impõe imediatamente é estudar os materiais e as experiências do nosso Partido, dos quais destacamos a defesa do camarada Alvaro Cunhal e de outros militantes do Partido, e folheio «*Se Fores Preso Camarada*», «*Defesa e Intransigência Revolucionária perante o Inimigo de Classe*», é estudar o que nos ensinam os nossos mestres e os partidos irmãos neste caso concreto, e não consumir tempo em leituras que não podem dar a necessária contribuição para a realização desta grande tarefa que temos pela frente.

Se há incompreensões quanto à importância e modo de utilizar as armas da crítica e da auto crítica, que se apontem os livros, os materiais e as formas de estudar e assimilar a orientação do Partido neste caso e corrigir os defeitos anotados, ficando-se assim em melhores condições políticas, neste domínio para o trabalho futuro.

Se ainda não assimilamos o método dialéctico, o que é o materialismo histórico; se ainda não temos uma ideia geral de qual é a orientação marxista-leninista sobre as formas de alcançar o poder e de outros pontos básicos da teoria marxista em que assenta o nosso Partido, então estudemos estes pontos em concreto, vejamos o que sobre eles nos ensinam Marx, Engels e Lênine, passando a possuir uma ideia que não linhe-

mos destas questões, para melhor podermos orientar os camaradas que estão sob o nosso controle e não gastemos tempo a ler outras coisas simplesmente para cumprir as resoluções tomadas a respeito do estudo, ou para se ficar simplesmente com a consciência do dever cumprido. Todos os materiais necessários a este estudo, as organizações e os militantes devem — caso os não tenham nos seus sectores — pedi-los à Direcção do Partido.

AJUDEMOS TODOS OS MILITANTES DO PARTIDO

Hoje, dentro do nosso Partido, estudar e elevar o nível político, ideológico significa para as organizações, para os membros do Partido, estudar e discutir em reuniões normais ou especiais o « Projecto de Programa » e o « Projecto de Estatutos » do Partido, o « Aventurel » e « O Militante », e outras publicações fundamentais do Partido e demais organizações democráticas, tirando disso ensinamentos para as suas tarefas, significa para os organismos e camaradas do Partido estudar melhor as condições de vida e de trabalho das massas laboriosas, os problemas locais, regionais e nacionais que estão por resolver. Para se poderem obter mais resultados na elevação do nível político e ideológico do Partido é preciso que se criem novas condições para reunir e estudar os materiais, a orientação do Partido, sem o qual não se pode contribuir para a sua elaboração ou para a ajustar às condições concretas em que vivemos e desenvolvemos a luta. Há dentro do Partido camaradas que não sabem o que é, por exemplo, a célula de empresa e quais são as suas funções; outros que não sabem quais são as características do fascismo; outros que desconhecem o que é o imperialismo. Há quem não compreenda bem em que consiste a Reforma Agrária preconizada pelo Partido e a sua política em relação às colónias. Há quem não entenda bem o que é o sectarismo — um mal que tantos danos tem causado dentro do Partido. Fazer luz sobre todas estas e outras questões, pôr estes e outros problemas a claro dentro do Partido, saber encontrar as dificuldades que impedem a completa aplicação da linha do Partido e eliminá-las prontamente é uma tarefa que está dentro do plano de estudo político a fazer dentro do Partido.

Ao mesmo tempo que todos os camaradas e organismos se têm de lançar sem perda de tempo na realização da tarefa de elevar o seu nível político e ideológico, também os organismos responsáveis, especialmente a Direcção, têm de tomar medidas para desenvolver um sério trabalho junto dos quadros que vão sendo recrutados para o Partido, os quais, muito embora animados da melhor vontade de participar na luta contra a miséria e opressão capitalistas não têm ainda a verdadeira noção de dureza da nossa luta, dos objectivos que nos propomos alcançar, dos meios de que dispomos para o conseguir, das perspectivas que se abrem

para o Partido e para a classe operária.

Também destes camaradas não são conhecidos os métodos utilizados pelo inimigo para atingir o nosso Partido, quais os processos por ele usados para infiltrar nas fileiras do Partido espiões e provocadores e como acedem estes inimigos de classe perante as massas e como descobri-los. Por outro lado, não conhecem os vários processos utilizados pela policia contra os presos políticos para os levar a fazer declarações e qual deve ser a posição dos membros do Partido perante a policia e seus processos.

É também necessário desenvolver esforços imediatos e adequados para educar os novos membros do Partido no espírito de disciplina e de lealdade para com o Partido, no espírito de democracia interna, do centralismo democrático, na critica e auto-critica, no espírito de trabalho colectivo e de ligação com as massas, no reforçamento da unidade da classe operária.

De igual modo há que ensinar aos quadros a serem modestos, para que eles sejam nos seus locais de trabalho, nas colectividades e organizações de massas a que pertencem, nos bairros onde moram, etc., os elementos de maior prestigio. É também necessário desenvolver em todos os quadros do Partido o espírito de sacrificio e amor ao Partido, à Pátria, à classe operária e ao povo. Educá-los, ainda, no espírito do internacionalismo proletário e no amor à Paz.

Este objectivo, pela sua importância e pelo seu volume não pode ser alcançado de uma só vez, mas é necessário pô-lo em prática sem perda de tempo, com o maior cuidado e de acordo com as necessidades e possibilidades de assimilação de cada quadro, pois que isto é bastante importante para elevar o nível político e ideológico do Partido. Quer dizer, a par do esforço que cada camarada individualmente deve fazer, tem o nosso Partido que estudar e pôr em prática medidas adequadas para levar a cada quadro a fazer o que ele mais necessita, quer orientando-o nos materiais a estudar, quer intensificando cada vez mais as Reuniões de Quadros, sem se deixar esquecer também de estudar a possibilidade da criação de escolas de quadros dentro daquilo que é possível fazer em regime de ilegalidade.

A todo o nosso Partido cabe também conhecer melhor a nossa lingua e a história do nosso país; elevar, deste e doutros modos, a cultura geral dos quadros do Partido significa uma obrigação e tarefa indispensáveis à elevação da capacidade politica e dirigente do nosso Partido. Reduzir para português e fornecer às organizações do Partido obras como o « Manifesto Comunista », « Fundamentos do Leninismo », « Doença Infantil » e outras; fornecer-lhes os materiais principais saídos dos Congressos e das reuniões do nosso Partido, significa elevar o nível político e ideológico das suas organizações e dar aos seus quadros novas perspectivas a fim de que o Partido possa levar a bom termo as grandiosas tarefas que pesam sobre si, para bem do povo e da causa da manutenção da Paz.

COM OS CATÓLICOS CONTRA O FASCISMO

Por LÍDIA

Por sectarismo e porque agem dominados por um anti-clericalismo que já fez a sua época, muitos comunistas não se aproximam dos trabalhadores católicos e não vêem neles vítimas que são também da exploração e da opressão. Este incompreensão politica tem levado ao afastamento dos comunistas em relação aos seus companheiros de trabalho católicos, que constituem uma parte importante da classe operária portuguesa, o que longe de servir, prejudicou seriamente a unidade de acção da classe operária.

Com tal posição de isolamento, não foi só a unidade de acção de esforços não necessária para a conquista das reivindicações comuns a todos os trabalhadores, que foi prejudicada. Foi todo o movimento de liberta-

ção do nosso povo, a sua luta tenaz pela Paz e pela Democracia que se ressentiu com esta atitude estreita, fechada e até hostil de muitos dos nossos militantes em relação às massas religiosas do nosso povo.

Mais uma vez, neste caso, se verificou um facto já assinalado.

Apesar do nosso Partido ter elaborado uma justa linha politica neste campo de acção, definida em Congressos, Reuniões Ampliadas, nos seus Informes e Resoluções, a verdade é que tal linha nem sempre foi levada à prática pelos comunistas. Porquê? Uns talvez porque não a conheciam suficientemente, não a estudaram.

Outros porque, tendo-a conhecido e estudado, não souberam aplicá-la na prática.

PORQUE NOS ISOLAMOS DOS CATÓLICOS?

Tudo o que atrás fica dito tornou possível que se esquecesse muitas vezes que, independentemente do facto de serem católicos, milhares e milhares de trabalhadores portugueses são antes de tudo trabalhadores, e, como tal, não podem deixar de sofrer com a política dum governo que os alira para a miséria e o desemprego sem ter em conta se eles são religiosos ou ateus. E isto tem forçosamente que fazer com que eles estejam interessados em pôr fim a esta miséria e exploração, em acabar com tal estado de coisas.

Por outro lado, confundiu-se por vezes erradamente a grande massa dos católicos, gente boa e honrada do nosso povo, com alguns grandes da Igreja — o alto clero — dentre os quais há certos elementos comprometidos até à raiz dos cabelos na política anti-patriótica do governo, de que são um dos pilares. Daqui a perder-se a confiança nas massas religiosas, nos seus sentimentos patrióticos e pacíficos, na sua capacidade de sacrifício e até na sua honestidade foi apenas um passo.

Nós, comunistas, somos materialistas e temos uma concepção científica do mundo e da vida, mas isso não justifica que alguns comunistas tenham agido e ajam na prática dominados pela falsa ideia de que, como marxistas, devem combater a religião, atacando os católicos nas suas ideias religiosas. Ora isto é falso e não é marxismo. Na realidade o que se consegue com tal atitude? Apenas desviar a luta do terreno económico e político para o campo religioso, apenas ferir e afastar as massas católicas. E isto serve apenas os inimigos dos trabalhadores e do progresso.

A verdade é bem outra. O marxismo sempre condenou essa « guerra à religião » que só serve o inimigo e para fazer « vítimas ». E não propõe o « Projecto de Programa » do nosso Partido « a garantia do direito de professar e praticar qualquer religião »?

Finalmente, nem sempre se teve em conta a posição dominante que a religião tem tido através dos séculos no nosso país, como não teve em nenhuma nação da Europa, excepto a Espanha. É este facto que explica que grande parte do nosso povo seja religioso.

Estes, alguns dos erros e conceitos errados que impediram que se visse que

A UNIDADE COM OS CATÓLICOS É POSSÍVEL E NECESSÁRIA

Se os comunistas tiverem bem presente que, quer organizados nas Juventudes e Ligas católicas, quer como simples pessoas crentes, praticantes ou não, os trabalhadores católicos constituem parte importante da classe operária portuguesa, eles não só não repeliarão como acolherão com regozijo toda e qualquer acção reivindicativa, económica, política ou social por eles empreendida ou em que desejem participar.

Mais. Se os comunistas não esquecerem que, antes de tudo, os portugueses crentes são cidadãos e portugueses, eles compreenderão todo o desejo de luta que anima as massas católicas contra a política anti-patriótica do governo e marcharão, ombro com ombro, na luta por um governo democrático, com estes portugueses, gente boa e honrada que ama a Paz, odeia a guerra, a violência e o terror e que não deixará, estamos certos, de participar activamente naquela luta.

Será por acaso que nos jornais e revistas católicas estes problemas da guerra, da paz, das reivindicações dos trabalhadores aparecem colocados com palavras de ordem que coincidem por vezes com as das camadas progressivas do nosso povo? Porque é que católicos e inclusive alguns padres têm assinado apelos para a Paz e para a Amnistia? E que os problemas da guerra, da paz, da justiça social são profundamente sentidos pelas massas católicas que de há muito fizeram suas e impuseram aos seus dirigentes algumas das palavras de ordem reivindicativas mais progressivas, forçando aqueles a aceitá-las e até a defendê-las publicamente. O próprio Papa Pio XII coloca como tarefa fundamental às massas trabalhadoras de católicos a luta em defesa da Paz e contra as armas atómicas e, mais recentemente, determinou que o dia 1.º de Maio, jornada internacional dos trabalhadores, fosse comemorada pelos trabalhadores católicos.

Não podem restar dúvidas de que todas estas atitudes e decisões dos dirigentes católicos, representam outras tantas conquistas das massas católicas cujos sentimentos e aspirações progressivas os dirigentes já não podem mais ignorar e representam, ao mesmo tempo, outros tantos motivos para uma acção unida com as massas crentes e não crentes do nosso povo. Uma coisa porém é preciso ter em conta: é que as amplas massas de crentes que amam a Paz e odeiam a guerra, a violência, o terror e a injustiça, não analisam os problemas tal como nós o fazemos e, portanto, não podem definir caminhos idênticos para a conquista da Democracia e da Paz. A unidade pressupõe justamente que ambos, nós e eles, nos esforcemos por encontrar um caminho comum, sem que haja imposições de parte a parte. É preciso respeito mútuo pelos princípios de cada um.

Não podem restar igualmente dúvidas de que cabe aos trabalhadores católicos, animados do justo desejo de lutar por uma vida melhor, um lugar de direito nas comissões de unidade reivindicativas na empresa, oficina, no campo, nas comissões sindicais, da Paz, do MUDJ, contra a repressão, contra a censura, eleitoralis ou outras que se venham a formar, em todos os organismos dirigentes da luta. Já é mais que tempo de pôr fim a essa atitude de desconfiança e até de desprezo que tantos comunistas manifestam em relação aos católicos.

Na empresa, na oficina, no escritório, na escola, na Universidade, seja onde for, os comunistas devem acarinhar e saudar toda e qualquer manifestação ou acção dos católicos por um futuro melhor, em defesa da liberdade e da justiça e não repelir mas antes serem os mais activos defensores da participação dos católicos nos organismos de Unidade, sejam eles quais forem. Só assim se forjará a unidade de acção com as amplas massas de crentes do nosso povo, oprimidas e exploradas, elas também, por 30 anos da ditadura mais reaccionária — a da grande burguesia nacional.

Animadas pelos seus sentimentos de Paz, justiça e patriotismo, as massas católicas a quem de maneira nenhuma podem ser indiferentes os destinos do País, estão igualmente interessadas numa mudança de regime. Estas certas de que nas jornadas eleitorais que se aproximam elas se unirão com todos os portugueses honestos para a conquista da Liberdade e da Democracia. Por tudo isto, os comunistas devem dar o exemplo de que são efectivamente, na prática, ardentes partidários da concórdia nacional, pondo de parte todo e qualquer preconceito religioso, concepções partidárias ou princípios filosóficos para atender apenas à realização desta grande e nobre tarefa: unir a gente portuguesa contra o governo que a oprime. Nesta unidade cabem todos os que, quaisquer que tenham sido as suas atitudes políticas anteriores, se mostrem dispostos a lutar pela restauração da legalidade democrática no País. E não há dúvida de que sem a unidade com os portugueses crentes não é possível a conquista da Democracia ou qualquer modificação política.

Tendo tudo isto em conta é de desejar que aqueles comunistas que têm tomado posições erradas neste campo as modifiquem e que esta problema — da possibilidade e necessidade de unidade com as amplas massas católicas — seja discutido em todo o Partido de forma a esclarecer ideias, a tirar dúvidas e a combater posições falsas.

Enquanto isto não se fizer, corremos o risco de que essas posições subsistam e de que se verifique, como ainda sucedeu recentemente numa grande empresa da capital, que camaradas nossos não só não acarinhem e acolham com simpatia e satisfação a actividade reivindicativa dos seus companheiros de trabalho católicos, como vão ao ponto de se mostrarem « receosos » dessa actividade, nada fazendo, pois, para forjar a unidade de acção na luta pelas reivindicações comuns a todos os trabalhadores crentes, ateus, comunistas, republicanos, socialistas, monárquicos, anarquistas ou sem partido.

É igualmente de desejar que os camaradas que não concordem ou tenham dúvidas sobre este problema da unidade com as massas católicas as exponham francas e honestamente nos seus organismos e aí discutam concretamente as formas de acção capazes de interessar numa forma viva e sentida todos os trabalhadores manuais e intelectuais, todos os estudantes, todos os

homens, mulheres e jovens crentes ou não, sem esquecer que na luta pelas reivindicações comuns, pela solução dos problemas que a todos afligem estão igualmente interessados os católicos e os ateus.

Mas há outras formas de luta além da económica, é a luta por objectivos sociais e políticos em que, estamos certos, os católicos desejam participar. Fechar os olhos a esta realidade e actuar-nos divididos só pode favorecer o prolongamento dos sofrimentos e misérias do nosso povo e prejudicar os interesses dos trabalha-

dores e da democracia portuguesa.

Uma coisa nos une aos trabalhadores crentes na luta pela restauração da legalidade democrática em Portugal: é sermos trabalhadores portugueses e explorados. Este facto, se outros não houvesse, era suficiente para demonstrar que a unidade não só é possível como até está perfeitamente dentro da linha dos acontecimentos que conduzirão à vitória de todo o povo na luta pela Paz e a Democracia.

EXTRACTOS DO DISCURSO DO CAMARADA MAURICE THOREZ

Proferido no Pleno do Comité Central do Partido Comunista Francês

SOBRE OS ACONTECIMENTOS NA HUNGRIA, o camarada Maurice Thorez afirmou:

O fundamental é que a reacção internacional não renuncia às tentativas de enfraquecer a unidade e a amizade dos povos que constroem o socialismo, não renuncia às tentativas de os dividir para tentar em seguida aniquilá-los um a um. Milhões de dólares têm sido empregados no financiamento de uma actividade subversiva no interior destes estados, para enviar para aí espíões e sabotadores, para pôr a funcionar organizações contra-revolucionárias clandestinas.

Enquanto existir o imperialismo no mundo, ele tentará montar «complots» para restaurar o regime capitalista lá onde foi abolido. Tal é a lição principal dos acontecimentos da Hungria.

A transformação profunda das relações sociais que se produziu nos estados de democracia popular não podia produzir-se sem dificuldades, sem que certos dirigentes cometessem erros, sem que certos partidos manifestassem fraquezas. Em geral, os partidos comunistas e operários destes países empenharam-se em descobrir as dificuldades e os erros, em combatê-los, em eliminá-los. Fizeram esforços neste sentido sobretudo depois do XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, cujas sessões foram tão ricas em lições políticas.

Infelizmente as coisas passaram-se na Hungria duma outra maneira. Não somente a antiga Direcção do Partido dos Trabalhadores cometeu uma série de erros grosseiros, comprometendo a ligação do Partido e do Governo com as massas populares, como começou a repará-los muito tarde. Daí o desencantamento das massas.

Quanto aos elementos reacçãoários, eles tinham raízes sólidas num país submetido durante um quarto de século, de 1920 a 1945, à ditadura fascista de Horthy, fielmente apoiado pelo Cardeal Mindszenty e pelo Vaticano. Tais elementos utilizaram o desencantamento para atacar o regime de democracia popular.

Muitos órgãos da imprensa internacional, e em particular jornais americanos, não esconderam que este golpe contra a República Popular da Hungria estava preparado de antemão e que os horthyistas dirigiam as operações. Mesmo sem esta confissão, para ficarmos convencidos, bastaria ler as informações sobre a chacina de militantes operários, sobre a refinada crueldade para com as pessoas, sobre os autos de fé de livros e sobre a destruição de valores culturais a que se entregaram os fascistas.

O restabelecimento do regime fascista no país e o esmagamento da classe operária, a reconstituição dum centro de política revisionista e revanchista em pleno centro do Baixo-Danúbio, a ameaça de agressão contra os estados socialistas e a ruptura de Paz na Europa: tal era, de facto, o programa da contra-revolução húngara.

Tentar explicar os acontecimentos da Hungria sem ter em conta, em primeiro lugar, a existência e a actividade

de do inimigo de classe, é virar as costas à verdade histórica. Aceitar a ideia de que estes acontecimentos poderiam ser unicamente o resultado do deontamento — incontável e justificado — da classe operária, é não só desculpar de antemão os crimes das forças hostis ao socialismo, é recusar a evidência.

Nas condições que se tinham criado na Hungria, a intervenção do exército soviético representou uma acção natural e necessária. Respondendo, de acordo com o Tratado de Versóvia, ao apelo de auxílio lançado pelo Governo Operário e Camponês de Budapeste, alinhando ao lado dos trabalhadores da Hungria, ajudando-os a jugular a barbárie fascista, o exército soviético cumpriu o seu dever de classe.

Não há motivo para nos espantarmos com esta verdade, a existência deste dever de classe, embora ela seja tão difícil de reconhecer pelos homens e pelas correntes que têm a pesar-lhes na consciência a nefasta política de «não-intervenção». Compreende-se que os responsáveis pela política que, a partir de 1936, ajudou o fascismo a tomar o poder em Espanha não vejam que o internacionalismo proletário consiste, além do mais, na solidariedade dos operários de todos os países com os estados e os governos dedicados ao progresso social.

Quanto aos comunistas, a propaganda mentirosa do inimigo, assim como a violência reacçãoária, não os podiam desviar do seu nobre dever. Amando ardentemente o seu país, elas são ao mesmo tempo fiéis em todas as ocasiões à solidariedade, à fraternidade internacional dos trabalhadores. Eles não dissociam nunca o sentimento nacional do seu devotamento à união dos proletários de todos os países. Quando dos acontecimentos da Hungria, não hesitaram um só momento em se colocar ao lado do socialismo.

A declaração do governo soviético de 30 de Outubro proclamou muito justamente que as relações entre países socialistas se regulam pelos princípios de plena independência e soberania de cada Estado. O respeito por estes princípios não exclui, mas exige, o apoio recíproco nos momentos de perigo.

Dentro deste espírito, regozijamo-nos com a feliz conclusão das conversações que se realizaram de 15 a 18 de Novembro entre os camaradas soviéticos e polacos.

As duas delegações manifestaram o seu acordo completo no sentido de condenar a agressão contra o Egipto, trabalhar pelo reconhecimento dos direitos da China na ONU, pelo desarmamento geral e pela segurança colectiva, dar o seu apoio ao Governo Operário e Camponês da Hungria. A aliança entre a União Soviética e a Polónia socialista, estabelecida sobre a igualdade de direitos, manifesta a sua solidez, tendo sido conseguido um acordo total sobre o estacionamento das tropas soviéticas na Polónia. A Polónia cibeve grandes vantagens do ponto de vista económico e financeiro.

Nestas condições, pode calcular-se que depois das dificuldades encontradas pelos camaradas polacos na correcção dos erros do passado, eles estão agora em

condições de vencer eficazmente os elementos reaccionários que tentaram, lá também, explorar em seu proveito o descontentamento compreensível dumha parte das massas populares.

Como o Comité Central do Partido Comunista Chinês acaba de declarar, impõe-se a todos os países do campo socialista a necessidade de « reforçar a sua unidade sob a direcção da União Soviética » para se oporem à agressão dos imperialistas e aos seus maneios subversivos. Esta necessidade é particularmente evidente quando o comunismo está exposto a ataques combinados da reacção internacional, tal como acontece actualmente.

Deste ponto de vista, parece-nos que o camarada Tito não tem razão para traçar uma linha de demarcação entre os partidos comunistas, para lhes impor uma escolha, para apresentar as coisas como se a teoria justa sobre as particularidades variadas de cada país na marcha para o socialismo conduzisse paradoxalmente a que um estado socialista considere como possível impor a sua maneira de ver aos outros. É o que se faz declarando que o caminho jugoslavo é o único justo.

Agr assim, é arriscar-se e dividir o movimento, a fazer uma diferenciação entre os partidos e mesmo no interior dos partidos, alimentando as campanhas dos inimigos do comunismo.

Não é de espantar que o discurso de Tito lhe tenha valido a carta de felicitações bem significativa que dois renegados lhe dirigiram.

A história viva não justifica a imitação forçada dos métodos em vigor num país do campo socialista pelos outros estados. Por exemplo, nós vemos que em muitos países de democracia popular, a começar pela China, e mesmo na Europa (Polónia, Bulgária, República Democrática Alemã, etc.) existem ainda vários partidos, enquanto na Jugoslávia não acontece assim, tendo sido excluídas da Liga dos Comunistas as personalidades que reclamaram a existência dum segundo partido. Para apresentar um outro exemplo, é evidente que uma democracia popular pode construir o socialismo sem praticar na agricultura a política que foi aplicada na Jugoslávia!

A originalidade das formas de passagem ao socialismo nos diferentes estados não aceita um tal esquematismo. O que é verdade, é que a variedade das formas não tem nada a ver com o conteúdo da ditadura do proletariado. Este conteúdo é obrigatoriamente comum. Não é desta ou daquela nação. O seu modelo foi e continua a ser o do país da Revolução de Outubro que, pela primeira vez na história da humanidade, construiu vitoriosamente a vida socialista nova, a partir do sistema soviético.

O nosso Partido continuará com os olhos postos na experiência gloriosa do Partido de Lénine, na qual se inspiram todos os partidos operários revolucionários do mundo. Nós pensamos, pela nossa parte, que sob pena de desmembramento do movimento operário internacional, não poderá haver vários centros neste movimento.

Nós pensamos que cada país caminha ou caminhará no futuro segundo as suas próprias vias, rivalizando fraternalmente com os outros estados que constroem a vida nova, mas sempre com o objectivo de melhor realizar uma tarefa comum e única: o socialismo, o comunismo.»

Mais adiante, Maurice Thorez, ao falar SOBRE OS PROBLEMAS DO PARTIDO, disse:

« Certos camaradas queriam pôr em causa as decisões democraticamente adoptadas pelo XIV.º Congresso do nosso Partido à luz dos preciosos ensinamentos do XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Infelizmente para eles, são incapazes de mostrar em que é que estas decisões teriam deixado de ser justas, em que é que teriam sido ultrapasadas pela vida. É, contudo, o que seria necessário estabelecer para ter o direito de contestar o seu valor.

A verdade é que os actuais acontecimentos confirmam brilhantemente todas as ideias do nosso Congresso, em particular as novas teses sobre as quais ele atendeu.

A análise dos problemas da luta de classes dá pelo

nosso Congresso, terá por acaso caducado? O Congresso, insistindo sobre o facto de que, provavelmente, as formas de passagem ao socialismo serão cada vez mais variadas, mostrando que elas respeitam e devem respeitar, como nós o havíamos já indicado em 1946, a originalidade histórica e social de cada país, sublinhou ao mesmo tempo a realidade do antagonismo das classes, a vontade que anima a grande burguesia capitalista de resistir, por todos os meios, ao progresso social. Não está esta tese de acordo com os factos actuais, inteiramente verificada pela actual ofensiva do fascismo no nosso país, pela histeria anti-comunista dos meios capitalistas?

O nosso Congresso afirmou que o imperialismo, devido à sua própria base económica, persistia sem nenhuma dúvida na tendência em recorrer à força das armas para defender e alargar as suas posições. Mas acrescentou que os imperialistas já não eram capazes, nas novas condições do mundo, de fazer o que lhes desse na cabeça e que se podia evitar a guerra. Ora, quais são os ensinamentos da crise do Suez? Não está claro nesta experiência tão recente — e sem pôr de lado a possibilidade de novas tentativas dos agressores — que se formou contra eles no mundo inteiro um movimento de defesa da paz tão poderoso que eles ficaram, ao fim de poucos dias, com as mãos atadas?

O nosso Congresso considerou que não somente a necessidade, como também as possibilidades de liquidar a divisão da classe operária tinham aumentado no último período. Ora, três meses depois, nós constatamos, precisamente na luta contra a guerra no Egipto, uma convergência completa, uma acção comum de facto entre o conjunto dos partidos comunistas de todo o mundo e o conjunto dos partidos socialistas — com a única excepção dos dirigentes do Partido Socialista Francês.

Por conseguinte, a prova dos factos, longe de revelar falsa a política fixada no XIV.º Congresso do nosso Partido, justifica-a tão nitidamente quanto podíamos desejar.

Alguns falam de « rever as posições » no Partido. Que se pretende « rever »? Trata-se das bases ideológicas do Partido? É o abandono da teoria marxista-leninista que nos propõem?

« Ou pensa-se então na política do Partido? Mas que política colocar à frente em vez da nossa, que se define pela defesa da paz, da democracia e do progresso social? Será por acaso a linha da social-democracia que pode servir de modelo, com a violação das convenções internacionais e a guerra, a baixa do nível de vida das massas e o aumento dos lucros capitalistas, o adormecimento da reforma fiscal, o empréstimo servindo de objectivo à especulação? »

Com certeza, trata-se também da organização. Mas neste terreno também o nosso Partido, o conjunto dos nossos militantes não estão decididos a voltar para trás, a errupiar caminho para o partido de tipo social-democrata, em que o centralismo democrático é desconhecido, em que os aderentes tagarelam nos conciliábulo de secções, enquanto os dirigentes agem, eles, e fazem tudo o que lhes apetece, mesmo quando isso consiste em estar no governo para aí praticar a política da burguesia contra o seu próprio partido!

Nós que edificamos a nossa organização comunista como um partido de acção, não queremos voltar a um partido social-democrata preso às lutas de tendências, e incapaz de tomar decisões nos momentos de luta ou de impôr a sua aplicação aos dirigentes.

O centralismo democrático, que é uma regra nossa, exige a livre discussão de todas as questões até que a decisão seja regularmente tomada e em seguida exige a aplicação por todos desta decisão. Nós guiámo-nos sempre pela ideia de que os comunistas não são manequins, de que eles aprofundam todos os problemas colocados e os examinam livremente no quadro dos seus princípios.

Mesmo uma vez tomada a decisão, se algum camarada não a acha justa, pode continuar com a sua opinião, comunicá-la à Direcção do Partido, mas com a condição de aplicar sem desfalecimento o que foi resolvido.

Os intelectuais têm o seu lugar no nosso Partido ao lado dos trabalhadores manuais. Sabem que solicitude

o Partido sempre lhes tem testemunhado, que também presta ao seu trabalho, às suas dificuldades dia após dia.

Foi a Direcção do nosso Partido que lutou por corrigir, contra um Lecœur, os métodos de comando, o ponto de vista do «pinhar na sua torre», a pretensão de ensinar os intelectuais. A atitude do Comité Central consistiu sempre em lhes manifestar confiança, em lhes deixar a mais larga iniciativa como criadores. Assim o querem as próprias lesões dos nossos Congressos. Muitos escritores, artistas, homens de cultura que estão nas nossas fileiras sabem por experiência como o Comité Central aconselha e encoraja os intelectuais.

Foi a Direcção do nosso Partido que desaprovou a condenação brutal de um desenho de Picasso e pela mesma ocasião a do jornal «Lettres Françaises» e do seu director, Aragon. Foi ela que fez cessar todas as tentativas de campanhas contra os intelectuais, pedindo simplesmente a cada um deles que se coloque rotundamente na posição da classe operária e que defenda, sob as formas que ele escolher, o grande ideal comunista.

Esforçamo-nos há mais de 30 anos para edificar um Partido de tipo leninista e este Partido já experimentou não poucas provas e contra-provas. Durante todo um período histórico, manteve-se no seu posto de combate com a sua Direcção. Falláramos ao mais sagrado dos nossos deveres se permitíssemos que o fruto de tantas lutas fosse posto em causa.

O Partido não pode admitir que, sob o pretexto de democratização, alguns tentem constituir tendências e fracções com plataforma oposicionista, e tentem desacreditá-lo assim como à sua Direcção, no momento preciso em que sofrem o assalto furioso do inimigo de classe e daqueles que fazem o seu jogo.

Ficamos igualmente surpreendidos que num tal momento se levantem vozes nas organizações comunistas de outros países para atacar o nosso Partido.

O camarada Tito fez recentemente algumas apreciações sobre o nosso Partido que nós parecemos absolutamente injustificadas. Algumas delas apoiam-se mesmo na deformação dos factos, tal o caso em que se transforma em propagandista do nosso Partido um conferencista parisiense com o qual nós temos qualquer espécie de ligação, a fim de nos poder acusar de pecados de outrem.

É bem verdade que a imprensa jugoslava tem o hábito de caricaturar a nossa acção!

No dia seguinte à sessão do Parlamento em que o nosso grupo tomou uma firme posição contra a agressão ao Egipto, denunciando as suas consequências no plano interno e no plano internacional, fazendo frente às injúrias, às ameaças de dissolução lançadas contra o nosso Partido, ficámos surpreendidos com o relato publicado pelo órgão central da Liga dos Comunistas Jugoslavos, «Borba», onde se lê que teria valido mais ter no Palácio Bourbon, para fazer face à reacção, em vez de 140 deputados comunistas, um pequeno grupo de 5 representantes dum outro partido, cujas características são deixadas na sombra. Tudo isto é repellido com alegria pela imprensa reaccionária do nosso país.

Qual o comunista, qual o trabalhador francês que não se sentirá chocado, ferido no fundo do alma com tais afirmações, conhecendo e vivendo a luta do nosso Partido contra a guerra?

Nos últimos dias, a campanha de desmargento da imprensa jugoslava intensificou-se ainda mais. Um dos seus órgãos, a propósito do 8 de Novembro, retoma os números da prefeitura da polícia e escreve que em Paris se manifestaram apenas 5.000 anti-fascistas, injuriando assim os que se bateram perante dois dias, aqueles que lottaram na luta contra o fascismo, correspondendo ao apelo do seu Partido.

Estas mentiras seriam destinadas a atenuar a crítica que o camarada Tito fez no seu último discurso aos ministros socialistas franceses, que se vangloriavam da sua amizade?

Cabe perguntar qual o objectivo visado pela Direcção da Liga dos Comunistas Jugoslavos, à qual, desde há 6 meses, nós propomos em vão uma reunião comum para restabelecer relações normais entre os nossos dois partidos.

O Comité Central, por unanimidade, depois de ter ouvido o relatório de Raymond Guyot condenou o dis-

curso de Tito e as acções fracccionais dirigidas contra o Partido.

Contudo, algumas intervenções feitas nesta tribuna poderiam criar alguma confusão.

Foi aqui dito: «O stalinismo foi necessário». Considero errada esta apreciação. Não houve stalinismo; esta expressão pertence ao vocabulário dos nossos adversários. Produziu-se, a despeito dum política justa fundada nos princípios do marxismo-leninismo, um afastamento destes princípios, em determinadas condições históricas. Estas condições estão hoje ultrapassadas.

O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética deu a esse respeito uma explicação, procedendo a uma correcção radical dos erros e das faltas ligadas ao culto da personalidade. O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética não as justificou; ainda menos as proclamou necessárias. Falar de stalinismo é conduzir à ideia do sistema. Foi o que fez Tito, afirmando que o essencial não é o culto da personalidade mas o sistema.

O camarada Courtade enunciou um certo número de observações críticas. Na sua maior parte elas são exactas e o Comité Central deve tê-las em conta. Mas empregou uma fórmula infeliz. Felou do nosso «isolamento» quase do mesmo modo como falam os nossos adversários, os quais tomam os seus desejos por realidades. Poder-se-ia começar por perguntar se, para não estar isolado, o Partido devia praticar uma política idêntica ou próxima, por exemplo, à do partido socialista e aprovar a guerra na Argélia e no Egipto, ou não dizer e nada fazer contra isto, tal como alguns homens políticos que se dizem da esquerda. Ora, Courtade, aproveitando resolutamente a ajuda prestada pelas tropas soviéticas ao povo húngaro, deu-se bem conta que nós lutámos, nesta questão, contra a corrente.

«Isolados»: disseram-nos isso muitas vezes quando nós estivemos sóis contra a não-intervenção em Espanha e contra Munique, e sóis, como Partido, na organização e na direcção da Resistência. A realidade é que nós estamos cada vez mais no coração das massas.

Desejo citar a este respeito um texto de Lénine, que visa directamente uma situação como a do nosso país:

«Os burgueses da Europa Ocidental dizem ao proletariado: Não repilas o pequeno camponês e, em geral, a pequena burguesia esclarecida, social-liberal, reformista; não te isolas; é somente a reacção que quer isolar-te.»

O proletariado responde: No interesse de toda a humanidade trabalhadora devo isolar-me dum aliança da burguesia com o proletariado porque estes conciliadores, aconselham-me a desarmar e porque, pelos seus discursos pregando a aliança, o apaziguamento, etc., eles exercem a mais nociva influência, directa e indirectamente, sobre a consciência da classe oprimida.

«Mas não me isolo de toda esta massa considerável de pequeno-burgueses, da massa trabalhadora, capaz de enfileirar no ponto de vista do proletariado, sem sonhar com uma aliança, sem se deixar distrair pelo reforçamento da pequena economia na sociedade capitalista, sem renunciar à luta contra o próprio regime capitalista; não me isolo de toda esta grande massa de pessoas.» (Lénine, tomo X, pág. 242, 4.ª edição)

Um último ponto: Constatando a melhoria evidente do trabalho do Comité Central, Courtade fez propostas também justas. Todavia, como o camarada Dufliche, creio que não era necessário fundamentá-las na preocupação de tirar «todo o pretexto às actividades fracccionais», o que poderia ser interpretado como uma desculpa para os que se entregam a elas. A propósito da publicação dos trabalhos do Comité Central convém lembrar que nós somos um organismo de direcção — como disse Lénine, um estado-maior de combate — e que pode nem sempre ser indicado revelar os nossos planos ao inimigo.

Desejo lembrar que, na sua declaração ao «L'Humanité», o camarada Kadar explicou que uma das causas dos acontecimentos da Hungria foi a tendência para não ver senão erros na actividade do Partido e «levar a discussão para fora do Partido quando era necessário».

rio conduzi-la dentro do Partido. Da mesma maneira há questões que podiam ser reguladas dentro do governo e que foram trazidas a público.»

Tais são algumas reflexões inspiradas pelo desenrolar dos debates. O Comité Central mostrou-se à altura das exigências da hora actual. É fora de dúvida que o Partido sairá ainda mais reforçado desta rude batalha ao mesmo tempo contra o inimigo do exterior e, no

interior das suas fileiras, contra o oportunismo de direita e contra o sectarismo pretensamente de « esquerda ». Os militantes vão adquirir uma nova tempera e uma melhor formação ideológica e política.

O Partido fará face com honra às suas responsabilidades perante o movimento operário internacional.»

(Traduzido de « l'Humanité » de 21-11-56)

MELHOREMOS O TRABALHO SINDICAL

por BORGES

A importância dos Sindicatos Nacionais na luta por melhores condições de vida, o seu papel como organizações de massas, como órgãos de unidade da classe operária, têm sido e continuam a ser salientados pelo nosso Partido, e ocupam ou devem ocupar um lugar de destaque no nosso trabalho diário.

A longa e rica experiência das lutas de massas adquirida pelo nosso Partido mostra-nos que, lá onde os comunistas encontram formas simples, maleáveis e atractivas para levar os trabalhadores aos Sindicatos e interessar nos seus problemas os dirigentes sindicais, aí se alcançam êxitos quando não totais, pelo menos, parciais.

Precisando melhor:

Quando nós, comunistas, actuamos ligados aos trabalhadores, os ouvimos, os esclarecemos e lhes indicamos o caminho pelo qual podem resolver os seus problemas, quando actuamos de modo a que os trabalhadores nos identifiquem como defensores dos seus interesses, as massas sabem sempre encontrar o caminho da luta. A luta sindical é, naturalmente, o terreno favorável às mais amplas acções de massas. Se as sobermos esclarecer e mobilizar, as massas trabalham e passarão a ver no Sindicato um meio eficaz para defenderem os seus direitos mais sentidos. Uma acção mais aberta nos Sindicatos implica que, no trato e relações com os dirigentes sindicais, temos de acubar com uma linguagem seca e hostil. E temos de acabar precisamente porque essa forma de actuar não serve em nada os interesses dos trabalhadores, nem o seu Partido.

Os militantes do Partido têm que usar uma linguagem persuasiva, aberta, que « em vez » de afastar seja um factor de aproximação das massas.

Os militantes do Partido para servirem consequentemente os interesses dos trabalhadores têm de ajudar a classe operária a usar de formas correctas no trato com os dirigentes sindicais pois só dessa maneira os poderão interessar na solução das suas reivindicações. Isto não quer dizer, evidentemente, que os trabalhadores possam ou devam confiar apenas na acção dos dirigentes sindicais, por mais honestos que sejam, a solução das suas reivindicações. Será a constante acção e pressão das massas junto dos sindicatos, do patronato e das autoridades que forçará estes a atender as reivindicações dos trabalhadores. Só aliada e em ta acção das massas a acção dos dirigentes sindicais será proveitosa para os trabalhadores.

Estas formas maleáveis permitirão isolar os dirigentes efectivamente vendidos ao patronato e captar muitos dirigentes honestos para o lado dos trabalhadores, mesmo muitos daqueles que até hoje, por uma acção errada, temos ajudado a atrair para os braços do salazarismo. Este é o aspecto novo que a modificação da situação nacional impõe à acção dos trabalhadores na luta sindical. Naturalmente que não é nova a orientação do Partido quanto ao aproveitamento dos Sindicatos nacionais.

O nosso Partido desde há muito vem apontando sem cessar o caminho e a importância dos Sindicatos, o seu papel na unificação da classe operária, na sua luta por melhores condições de vida, de trabalho, etc., e isto porque são justamente organizações de massas com características puramente populares — massas que são ferocemente exploradas — e que, por conseguinte, podem e devem ser mobilizadas para a luta em defesa dos seus interesses mais sentidos e imediatos. No

entanto, e apesar dos ricos ensinamentos adquiridos pelo Partido neste campo, parece que a sua orientação ou não tem sido compreendida, ou então não é respeitada, o que tem causado sérios prejuízos.

Mas vejamos alguns casos concretos da situação dos operários, na altura das eleições, em relação ao seu Sindicato.

Num importante centro industrial com várias empresas duma indústria determinada, abrangendo centenas de operários e de operárias, apenas uma operária tinha a sua situação regularizada perante o Sindicato. Noutro centro não menos importante, e numa empresa com quase 200 operários, só cerca de uma dezena eram sócios efectivos, mas há que salientar ainda o facto de nenhum trabalhador sindicalizado ser membro do Partido, embora tenhamos lá camaradas.

O que nos diz isto?

Diz-nos, em primeiro lugar, que as formas sectárias de viver e actuar empregadas por alguns camaradas ainda estão em vigor. Esses camaradas ainda estão a utilizar formas de trabalho que foram sempre condenáveis, pelos prejuízos que têm trazido ao Partido, à classe operária e ao povo em geral, mas que hoje aparecem mais a nu, em face dos acontecimentos registados nestes últimos tempos, e pela própria disposição de luta das massas. Sendo assim, os seus prejuízos são hoje muito maiores e, além disso, essas formas fechadas, sectárias, de viver e encarar os problemas, não só isolam os nossos camaradas, como dão, e isso é grave, um carácter ilegal a reivindicações absolutamente legais, tal como a luta sindical, exposições para aumento de salários, etc. — é o espirito de grupinho que reina ainda em muitos sectores. Diz-nos ainda que esses camaradas não estudam convenientemente os materiais do Partido, nomeadamente os da VI.ª Reunião Ampliada para lá, e que nos ajudam muito a modificar a nossa forma de trabalhar, pois, camaradas, é necessário vivermos estreitamente ligados às massas, quer seja na fábrica ou na oficina, no bairro ou na colectividade, para então conhecermos as suas aspirações e opiniões, (ensinam-nos os nossos mestres), para assim podermos traçar a orientação e aplicá-la duma maneira justa junto das massas. Temos ainda que nos aplicar a um estudo racional, quer dos materiais, quer dos sectores onde desenvolvemos a nossa actividade, e então estaremos em melhores condições de ajudar e esclarecer as massas. Mas se esta orientação não for levada à prática, como é que os nossos camaradas podem ajudar os trabalhadores sem partido se eles próprios revelam várias incompreensões? Por exemplo, como é que eles podem compreender a necessidade de levar os trabalhadores a sindicalizar-se se não têm a compreensão de que devem eles próprios sindicalizar-se? Frente a esta situação há que discutir muito e esclarecer ainda mais em todas as organizações para vencermos esta falta de vitalidade no trabalho do Partido.

O que se passou recentemente num importante Sindicato mostra que houve uma deficiente ajuda do Partido às massas, pois os nossos camaradas não mobilizaram os operários de algumas importantíssimas empresas que podiam participar na luta pela conquista duma direcção honesta; os nossos camaradas procuraram mobilizar os trabalhadores e em parte conseguiram-no, mas só no período inicial da luta e à base de duas empresas apenas, facto que foi aproveitado pelos fascistas para impor aos trabalhadores uma direc-

ção das suas boas graças.

Podemos dizer ainda que a falta de iniciativa dos nossos camaradas contribuiu, em certa dose, para a fraca movimentação dos trabalhadores, pois estes movimentaram-se e lutaram sem serem devidamente ajudados. Acontece até que os operários duma empresa, que não foram chamados à luta porque os nossos camaradas não falaram com eles, aparecem no Sindicato na própria dia da Assembleia, para ajudar os seus companheiros.

Noutra empresa, onde não temos organização, os operários sindicalizados, e eram umas dezenas, todos assinaram o texto para a apresentação das candidaturas, e numa empresa, onde temos camaradas, eles disseram: «os operários não querem assinar, não se interessam pelo Sindicato», etc..

O que significa isto?

Isto significa que há disposição de luta das massas, significa até que fomos ultrapassados por elas em muitos aspectos e o mais flagrante foi o não termos em conta a sua disposição e combatividade. Foi na realidade falta de confiança e essa falta de confiança, aliada a outros factores, originou que os nossos camaradas actuassem duma maneira morta e sem con-

vicção nas possibilidades de uma vitória. Na reunião ampliada o camarada Gomes dizia justamente: «O essencial para nós é sabermos corresponder à confiança que a classe operária e o nosso povo depositam no Partido, e merecermos essa confiança e darmos provas práticas de que temos a noção da responsabilidade que sobre nós pesa, como membros do Partido Comunista.» Por outro lado, e para a luta ter êxito, deviam logo os camaradas orientar os trabalhadores no sentido de eles entrarem em contacto com todas as empresas que tivessem filiados no sindicato, e formarem uma ampla comissão Sindical para dirigir a luta.

E ainda outro aspecto. Houve da parte dos camaradas subestimação no que se refere ao valor que o fascismo dá aos Sindicatos; para eles os Sindicatos também têm muito valor, porque sabe perfeitamente o que eles representam para a classe operária. Simplesmente, os Sindicatos são dos trabalhadores e devem ser dirigidos por homens eleitos pelos trabalhadores, mas, mesmo nos casos em que as direcções lhes sejam impostas, devemos orientar a luta no sentido de levar essas direcções a apoiar os pedidos dos trabalhadores. E isto também é possível.

BALANÇO DAS CEIFAS DE 1936

Algumas conclusões

A UNIDADE DOS CEIFEIROS ALARGA-SE

Os longos e duros anos de brutal exploração fascista, de fome, miséria e desemprego crónico, as desumanas condições de trabalho, a repressão, os assassinatos, o abandono a que foram votados pelos governantes fascistas, faz crescer cada vez mais a consciência revolucionária das massas dos ceifeiros e ceifeiras, que cada vez se unem mais e mais na luta pelo derrubamento do regime fascista e pela restauração dum regime democrático, pela independência nacional, e pela Reforma Agrária.

Não está esquecido da memória dos ceifeiros o assassinato da nossa querida camarada Catarina Eufémia caída nas lutas das ceifas de 1934, no dia 19 de Maio. À medida que se aproxima esta data, por todo o Alentejo e Ribatejo se fazem minutos de silêncio em sua memória, enquanto dezenas e dezenas de ceifeiros e ceifeiras visitam a sua campa, depositando ramos de flores.

Por outro lado, têm sido as ceifas um importante factor de combatividade, de lutas, de unidade, que aos ceifeiros tem dado uma larga experiência na conquista de melhores salários, de melhores condições de trabalho, contra a repressão.

Guiados e orientados com palavras de ordem do Partido e do jornal «O Camponês», realizaram-se importantes reuniões e concentrações de massas, que alcançaram nas ceifas de 1936 importantes vitórias, contra os salários de fome que os grandes agrários fascistas queriam pagar.

VITÓRIAS DOS CEIFEIROS E CEIFEIRAS EM 1936

Em certas regiões do Alentejo, os ceifeiros conquistaram jornas de 40 a 45\$00 na segunda semana de ceifa e em Alcáçovas conquistaram 50 a 55\$00.

A conquista destas jornas deve-se à unidade de acção dos valentes ceifeiros e ceifeiras, que a partir da primeira semana de ceifa vendo que os agrários não queriam pagar mais do que 25 a 30\$00, combinaram fazer praça, onde lutaram, auxiliados por comissões de unidade por eles organizadas no princípio das ceifas. Desta forma conseguiram que em Montemor se concentrassem na praça à segunda ceifa, e não ao domingo como era hábito, 400 ceifeiros e ceifeiras, e no Escoural 200 ceifeiros. Isto foi uma importante vitória dos ceifeiros, da sua unidade e combatividade, que fez

Por INÁCIO

com que as jornas subissem em toda esta região.

Por todos os lados os ceifeiros lutam cada vez mais unidos. Em Évora foi uma vitória a concentração de 1.000 ceifeiros e ceifeiras nesta praça, vindos de várias localidades. Apesar de ameaçados e dispersos algumas vezes pela P.S.P., os ceifeiros conquistaram a jorna de 30 a 35\$00 homens e 18 a 20\$00 mulheres, as quais se mantiveram durante toda a ceifa.

Também na região de Aviz os ceifeiros e ceifeiras conseguiram importantes vitórias, realizando reuniões, algumas com 30 e tal pessoas.

As mulheres de Benavila deram um brilhante exemplo aos homens da sua terra, realizando uma reunião de 30 mulheres e conquistando melhor jorna.

Em Bencatel, depois de uma semana de greve, conquistaram também melhores jornas, isto depois de terem desmascarado as manobras dos agrários, pois estes pretendiam enganar os ceifeiros com um edital saído do Sindicato (Grémio) de Elvas, com jornas e regulamentos de trabalho propostas pelos agrários, mas foram rechaçadas pela unidade e firmeza dos ceifeiros.

VITÓRIAS DOS CEIFEIROS DO BAIXO ALENTEJO

Também no Baixo Alentejo houve acções de unidade e luta bastante positiva. Foi uma importante vitória a reunião de massas que os ceifeiros e ceifeiras realizaram de 150 pessoas de Pias, de Vale de Vargo e Aldeia Nova, que representa um importante passo para a unidade destes três povos. O povo de Vale de Vargo manteve-se em greve uma semana. Em Aldeia Nova concentraram-se na praça para cima de 1.000 ceifeiros e ceifeiras, exigindo os 40\$00, e só arredaram pé quando souberam que em Pias se trabalhava de empreitada e em Vale de Vargo pelos 35\$00.

Também os ceifeiros de Moura conquistaram uma vitória pela sua unidade deixando as empreitadas e conquistando o trabalho de jorna.

O povo de Bale zão manteve-se unido e firme perante os agrários, que recorreram à repressão da PIDE e da GNR para utilizar as máquinas nas searas. Os ceifeiros não se intimidaram, foram à Casa do Povo e exigiram a

comparência do delegado do I.N.T. e autoridades, para que as máquinas parassem, conquistando então meio dia de trabalho diário para toda a ceifa.

Também os valentes ceifeiros de Viana do Alentejo foram firmes e unidos, fazendo frente à G.N.R. e mantendo-se três dias em greve. Todas estas vitórias de luta unida deitaram por terra os planos dos grandes agrários.

NO RIBATEJO OS CEIFEIROS CONQUISTARAM JORNAS MAIS ALTAS

Foi uma importante vitória a concentração de 300 mulheres na praça de Samora Correia, pois estas, bem unidas e tendo corajosamente de enfrentar a G.N.R., conquistaram uma jorna de 38 a 40\$00.

Em Vila Franca de Xira, também se concentraram na praça 100 mulheres com um bolo espírito de unidade e combatividade. Aqui a G.N.R. e a PIDE exerceram forte repressão contra as pacíficas ceifeiras, tendo sido algumas delas espancadas barbaramente. Mas as corajosas mulheres não arredaram pé.

Em Alpariz, depois de três dias de greve, os ceifeiros conquistaram 35 a 40\$00. Mas a vitória mais importante na conquista de salários mais elevados foi em ALENQUER, onde depois duma greve que se prolongou por algumas semanas, os ceifeiros conquistaram jornas de 50, até 70\$00.

Também ranchos vindos das Beiras e outros pontos do país, que os agrários contrataram para as ceifas do Alentejo, conquistaram jornas iguais às dos ceifeiros alentejanos.

A ACÇÃO DOS GRANDES AGRÁRIOS

Os grandes agrários preparavam-se para lançar a confusão e quebrar a unidade dos ceifeiros, com vistas a pagar jornas de fome durante toda a ceifa. Para isso os agrários contavam com 3 factores: repressão das autoridades, emprego das máquinas ceifeiras, e contratar pessoal de fora por jornas mais baratas. Mas estes planos falharam graças à combatividade e unidade dos ceifeiros e ceifeiras do Alentejo e Ribatejo, que realizando reuniões de massas e concentrações nas praças de jorna, rechaçaram as manobras dos grandes agrários fascistas, os quais tiveram de alterar os seus planos de jorna de fome. Isto foi uma vitória alcançada pela unidade dos ceifeiros.

O que nos representa o conjunto destas vitórias? Representa a disposição das massas, que cada vez estão mais dispostas a lutar em defesa dos seus interesses, contra a desenfreada exploração dos grandes agrários, contra a miséria, contra a repressão imposta pelos governantes fascistas. Tal como nos anos transactos, as largas massas dos ceifeiros e ceifeiras dispuseram-se à luta e conquistaram jornas importantes. Orientados pelo Partido e pelo jornal «O Camponês», e fazendo em quase todos os sectores o que estes lhes ensinavam, os ceifeiros e ceifeiras enriqueceram a sua experiência para novas e futuras lutas.

AS PRINCIPAIS DEFICIÊNCIAS NAS CEIFAS DE 1956

EM PRIMEIRO LUGAR, o sectarismo e o medo de muitos camaradas, levou-os a afastarem-se das massas no princípio das ceifas, como por exemplo no Alto Alentejo, numa localidade, onde ao ser proposto aos camaradas uma reunião de massas, houve um camarada que respondeu: «o Partido assim não tem amizade aos quadros mais destacados, porque ao fazermos uma reunião de massas seremos presos». Mais tarde, este camarada propôs aos camaradas do local que se fizesse uma concentração no praça, «mas que ele não ia lá por estar muito queimado», isto fez com que ninguém fizesse nada. Num outro sector próximo a este, um mês antes das ceifas principiarem, dizem os camaradas que não faziam uma reunião de massas mais larga do que aqueles que tinham feito, porque andavam espionados atrás deles. O resultado foi que próximo das ceifas estes camaradas nunca mais apareceram, e só depois das ceifas é que se esteve com eles.

Estas deficiências representam, por um lado, a falta de confiança nas massas e nas suas próprias forças, por outro lado, a falta de ajuda e esclarecimento a estes que-

dos por parte da Direcção do Partido.

EM SEGUNDO LUGAR, a falta de comissões de unidade, na quase totalidade dos sectores, foi uma grande deficiência para a mobilização das largas massas de ceifeiros pois as poucas comissões que existiam tiveram uma acção limitada perante as massas. Fizeram-se algumas reuniões que não chegaram a ser reuniões de massas, como por exemplo na região de Aviz uma de 30 e tal pessoas e na Margem esquerda do Guadiana uma de 150 de três povos. Não tiveram a participação nestas reuniões as mais largas camadas dos assalariados, dos camponeses pobres, dos tractaristas e dos anuais. Foram reuniões fechadas num círculo de pessoas já mais ou menos esclarecidas. Quanto às concentrações que se fizeram nas praças do Montemor-o-Novo de 400 pessoas, no Escoural de 200, Évora de 1.000. Samora Correia 300 mulheres, em Aldeia Nova de 1.000, podemos dizer que a grande maioria do pessoal que se concentrou nestas praças não participou em qualquer reunião, em qualquer discussão de utildade sobre as ceifas.

EM TERCEIRO LUGAR, foi uma deficiência a distribuição do jornal «O Camponês» dois meses antes das ceifas principiarem, pois esta distribuição não ajudou de melhor forma a unidade de todos os ceifeiros e ceifeiras, porque era muito distanciada das ceifas. Ninguém tem culpa do tempo ter estragado as ceifas num mês, mas isto também podia ter sido visto, e a distribuição do jornal «O Camponês» ter-se aproximado mais das ceifas. Contava-se com uma nova distribuição dum novo exemplar do jornal «O Camponês» já muito próximo das ceifas, que havia de unificar e encorajar os ceifeiros para a luta, mas por deficiência do aparelho de agitação, o último exemplar do jornal «O Camponês» só depois das ceifas terem terminado é que foi distribuído. «O Camponês» não chegou às mãos de todos os ceifeiros, não se discutiu em reuniões pequenas ou grandes a orientação de «O Camponês», apenas surgiram opiniões individuais; isto fez com que não se concretizasse a disposição das largas massas dos ceifeiros e o que estes estaríamos dispostos a fazer.

Finalmente, o emprego das máquinas ceifeiras em larga escala, e de diversos tipos, fez com que um grande número de operários agrícolas não ceifassem este ano, principalmente no Baixo Alentejo, e também no Alto, na região de Évora. Como vimos o povo de Baifeição quase não ceifou, o de Vale de Vargo das Trés partes, uma não ceifou. Em Fias o emprego das máquinas nas ceifas fez com que apanhássem empreitadas. Por todos os lados se viam ranchos dum lado para o outro sem ceifar. O emprego das máquinas nas ceifas fez criar dificuldade à unidade dos ceifeiros e ceifeiras, e o Partido não soube mobilizá-las para concentrações junto das Casas do Povo e autoridades, contra o emprego das máquinas, havendo trabalhadores com fome e sem trabalho. Como vimos, o conjunto destas deficiências é na maior parte da responsabilidade do Partido.

ALGUMAS SUGESTÕES

- a) — Estudar as deficiências resultantes no decorrer das ceifas deste ano, para que no futuro essas deficiências não se repitam.
- b) — Travar a luta contra o desemprego antes das ceifas, pois as massas não poderão ir para as ceifas com 2 ou 3 meses de fome e sem condições, portanto, para poderem resistir muito tempo. Além disso essas lutas unem melhor os ceifeiros, revivem os quadros e forjam a confiança na luta.
- c) — As comissões devem, sempre que isso for possível, ser eleitas pelos ceifeiros e ceifeiras reunidos e devem ser compostas por trabalhadores honrados de todos as localidades. Estas comissões devem reunir e ir deitando o balanço à disposição de luta das massas e às manobras dos grandes agrários e autoridades.
- d) — A luta por melhores jornas e condições de trabalho deve estar virada para as praças de jorna, para as Casas do Povo e autoridades. Onde não houver praças de jorna devemos lutar para que se criem, tal como sucedeu nas ceifas de 1956 em Viana do Alentejo.
- e) — Devemos organizar a luta junto das Casas do Povo e autoridades contra o emprego das máquinas enquanto houver ceifeiros e ceifeiras sem trabalho. Devemos lutar por trabalho para todos.

f) — Devemos conversar com os ranchos de fora e trazê-los para o nosso lado, levando-os a exigirem aos grandes agrários as mesmas jornadas que ganham os trabalhadores da terra onde eles estão, como já se tem feito muitas vezes.

g) — Devemos chamar para o lado dos ceifeiros e ceifeiras os seareiros, os pequenos e médios lavradores, os comerciantes, pois a nossa luta é sobretudo contra os grandes agrários, que são os que pagam as jornadas mais baixas.

h) — A jornada a ganhar deve ser assente logo no co-

meço das ceifas, pois é quando estão todos mais firmes na luta. Devemos lutar por jornadas boas nas cevadas e favas, que depois ficam para os trigos temporões.

i) — Devemos todos lutar por uma jornada de 50\$000, pois tem-se até obtido mais do que isso em muitos lados. Devemos lutar por contratos colectivos estabelecidos entre as Casas do Povo e os grandes agrários, com garantia de trabalho por todos e jornadas certas desde a primeira à última semana, livremente discutidas e aceites por todos os ceifeiros e ceifeiras em reunião, tal como se fez em 1955 em Vale de Vargo.

O INIMIGO EXISTE

Artigo do camarada PALMIRO TOGLIATTI,
Secretário Geral do Partido Comunista Italiano

A reviravolta actualmente realizada no movimento comunista internacional, é tão profunda e ampla que se torna difícil avaliar toda a sua importância. O sentido desse movimento é o do socialismo, da paz e da democracia. Desse movimento participa um sistema de estados. Desenvolvem-no partidos que há dezenas de anos se encontram no poder e que alcançaram, na actividade de transformação da estrutura económica e política da sociedade, conquistas de tal alcance que antigamente eram consideradas impossíveis.

Em todos os países onde o capitalismo ainda domina, dentro dos limites das suas acções, prestam a sua contribuição a esta causa: partidos e grupos oposicionistas com profundas raízes na classe operária e no povo. É um movimento multilateral, que depara com problemas velhos e novos e que se resolve em condições criadas pelo próprio movimento, marchando com segurança para a frente.

Hoje existe no mundo não só um estado socialista, cercado e assediado por toda a sorte de inimigos, como foi o caso da União Soviética durante vinte anos, mas sim, um sistema de estados socialistas. Consequentemente a classe operária e os partidos que se encontram no poder nestes países adquirem nova firmeza nas acções económicas e políticas, na perspectiva de desenvolvimento mais amplo, uma liberdade renovada e a audácia nos programas e no movimento.

Penso que os dirigentes capitalistas já deveriam de há muito ter-se convencido da utopia em que resulta a esperança em fazer voltar os velhos regimes económico-sociais aos lugares onde foi ou está sendo construída a sociedade socialista. Pelo menos deveriam compreender isso aqueles que ainda mantêm certo senso da realidade. O que ocorre no mundo socialista deveria tornar esta convicção ainda mais firme.

A reviravolta realizada pelo movimento comunista tem o sentido de reforçar a sociedade socialista, de construí-la mais rápida e firmemente e de estabelecer ligações mais efectivas entre a direcção e as massas populares. Não é possível marchar em sentido oposto, como não podem tomar um sentido oposto aos princípios que regem o nosso movimento, todos os debates que ocorrem nas nossas fileiras, ajudando-nos a progredir.

O inimigo não quer e não pode compreender isso. O inimigo existe. É forte, activo e implacável. O inimigo é forte fora do nosso campo, mas mesmo no nosso campo ainda possui forças e pontos de apoio. Seria mau se esquecéssemos isso. Os acontecimentos desenrolados em Poznan lembram-nos isso com particular vigor. É aquele que não o notou é advertido pelo desenfreado vozearia em que se fundem, de maneira tocante, as manifestações dos fascistas de ontem e de hoje com as opiniões emitidas pelo Vice-Presidente do Conselho de Ministros, o social-democrata Szaregat, que saudou as acções provocadoras dos agentes imperialistas em Poznan.

Criticemos e rejeitemos a teoria segundo a qual a medida que a sociedade socialista conquista vitórias e progride cresce inevitavelmente o número dos seus inimigos. Não só porque essa teoria é falsa, mas porque é também uma fonte de acções erróneas. A verdade é outra. A verdade é que as vitórias alcançadas pelo socialismo conquistam-lhe novas e novas simpatias e partidários. O socialismo torna-se cada vez mais forte. Basta

observar o mundo de hoje para nos convencermos disso. No entanto, o inimigo existe. Não cede e accentua esperanças absurdas.

Deve estar claro — e penso que não seria mesmo necessário mencioná-lo — o inimigo não é de forma alguma o homem trabalhador que exige maior interesse para a solução das questões concretas relativas à sua existência. Num país que constrói o socialismo não pode deixar de haver dificuldades que causam obstáculos à solução ideal dessas questões. As dificuldades não podem deixar de existir no mundo e, em particular, no mundo de hoje, em que durante dezenas de anos todos os povos suporlaram o peso da « guerra fria », a ameaça real de um novo conflito armado. Sabemos muito bem que forças foram lançadas para barrar o caminho ao socialismo. Inimigo é aquele que, no processo que visa superar as dificuldades existentes com o menor número possível de sacrifícios, se entrega a provocações, à violência e à luta armada contra o poder operário, popular e socialista.

Numa sociedade onde já não há capitalistas que exploram o trabalho humano, os problemas relativos ao trabalho, à sua organização e remuneração são levantados e resolvidos mas não por meio de espingardas e metralhadoras. Quantas espingardas e metralhadoras poderiam, porém, ser postas em acção com 125 milhões de dólares anualmente destinados pelo orçamento do Estado americano precisamente para eliminar nos países que já não são capitalistas, a violência e a provocação?

Essa é a forma de existência do inimigo. Ele, como se torna cada vez mais evidente, estava em Poznan. Encontrámo-lo, porém, também noutras lugares. Procura afastar-nos do nosso caminho, a fim de semear a incerteza e o ceticismo, deturpar a realidade, impedir por quaisquer métodos o desenvolvimento do socialismo, impedir que os comunistas sejam a principal força motriz do grande e actual movimento para libertar os homens das cadeias de qualquer escravidão. Assim, é necessário fazer tudo para que nós, para que a vanguarda consciente e organizada da classe operária se oponha ao inimigo, o isole — o que é mais fácil fazer hoje do que em qualquer outra época — e o vença.

Não conhecemos as dificuldades concretas com que necessariamente deparam, todos os dias, os nossos camaradas polacos, ao resolverem os problemas que surgem. Sabemos, porém, que conquistaram êxitos de tal envergadura que transformaram a fisionomia da velha sociedade reaccionária polaca e levaram à construção da nova jovem Polónia democrática e socialista. Devemos, por isso, ser cautelosos e sérios nos nossos juízos. A existência entre as massas operárias e populares de uma organização política de vanguarda e, as suas ligações ininterruptas, em quaisquer circunstâncias com os operários e com o povo, é para nós, comunistas, a condição fundamental e decisiva para que factos amargos, semelhantes aos de Poznan não mais possam ter lugar.

Conhecemos com que energia, com que espírito de sacrifício, com que inteligência trabalham e continuam a trabalhar nesse sentido, frequentemente em condições muito difíceis, os nossos camaradas polacos. Sabemos como lutam hoje para dar um novo impulso democrático ao desenvolvimento da sociedade que dirigem, e só podemos desejar-lhes êxitos nesse actividade.